**TORNAR-SE CIRURGIÃ: UMA BREVE REVISÃO SOBRE OS DESAFIOS ENCONTRADOS**

Yngrid Marques de Sousa discente UniAtenas Paracatu-MG

Michelle Lorrane Bezerra Hipólito discente UniAtenas Paracatu-MG

Lucca Vinícius Maia Marques discente UniAtenas Paracatu-MG

Kaio Murilo Santana Corrêia discente UniAtenas Paracatu-MG

Rafael Gustavo Ferreira de Paula médico generalista formado pela UniAtenas Paracatu-MG

**INTRODUÇÃO:** No decorrer da história, a mulher enfrentou diversos obstáculos para garantir seu lugar na sociedade, sobretudo na carreira médica. Até o ano de 1879 eram proibidas de frequentar a academia e, por isso, muitas trabalharam no anonimato. O caso mais notório e curioso é o de Miranda Berry (1797-1865) adotante do pseudônimo James Barry que atuou durante 40 anos como cirurgião da Armada Britânica. Atualmente, as acadêmicas ocupam mais da metade das vagas nas faculdades de medicina, mas, ainda assim, os homens superam significativamente as mulheres em várias especialidades, principalmente em especialidades cirúrgicas.  **OBJETIVO:** Este estudo consistiu em levantar evidências acerca dos motivos que levam mulheres a possuírem os menores percentuais em especialidades cirúrgicas mesmo sendo representantes de mais da metade dos profissionais médicos formados atualmente. **MÉTODO:** Trata-se de uma revisão de literatura narrativa, realizada a partir da busca nas bases de dados Google Acadêmico, PubMed e Scielo, com os descritores “mulheres”, “cirurgia” e “preconceito de gênero”. Assim, foram selecionados sete artigos com data de publicação entre 2016 a 2020. **REVISÃO:** Atualmente, percebe-se uma tendência à feminização da medicina devido ao aumento significativo da quantidade de médicas formadas, 50,7% em comparação a 49,3% de homens. Contudo, esses valores ainda não refletem em especialidades cirúrgicas. Estudos realizados por Wirtzfeld relacionam a falta de mulheres cirurgiãs modelos e o estilo de vida não compatível com a carga desproporcional que mulheres assumem fora do emprego ao distanciamento dessa especialidade. A maioria das razões descritas decorrem de percepções sociais sobre as habilidades e estereótipos femininos. A maternidade, em particular, ganha maior peso, devido sua caracterização como barreira para o trabalho cirúrgico. Outras situações como o estigma que essas são áreas masculinas, o machismo, o não apoio familiar e de parceiros devido a carga horária afastam as mulheres dessa área. Segundo Franco, mesmo quando médicas vencem todas essas barreiras e assumem o treinamento cirúrgico, elas têm que ser 25% melhor do que os homens para aspirar profissionalismo, mesmo apresentando igual ou superior capacidade intelectual e cognitiva para as funções. Por esses motivos as médicas tendem a optar por especialidades de cuidados primários como pediatria e dermatologia em que conseguem uma jornada de trabalho parcial além de serem mais propensas do que os colegas masculinos a possuírem boa relação médico paciente e serem mais democráticas ao tratamento. **CONCLUSÃO:** Apesar de todos os fatores expostos, o número de cirurgiãs vem aumentando lentamente. Associações e grupos de mulheres cirurgiãs apresentam um papel muito importante para o encorajamento. Torna-se imperativo aos programas oferecerem serviços que reconheçam as dificuldades adicionais enfrentadas pelo sexo feminino. **PALAVRAS-CHAVE:** Sexismo, mulher e medicina.